

**POLÍTICA OPERÁRIA**

Recuperar as Forças do Movimento Operário e Popular

Tudo indica que a pandemia se prolongará ao longo desse ano. As medidas parciais e locais de isolamento social e a lenta vacinação não conseguem conter seu avanço e nem impedir o esgotamento do sistema de saúde. O número de mortes por COVID-19 atingiu a marca dos 345 mil e pode ultrapassar os 400 mil. Junto a essa crise sanitária, avança a crise econômica e a miséria das massas. Os noticiários informam que metade dos brasileiros não conseguem garantir uma alimentação diária com qualidade e em quantidade suficiente.

Desproteção dos oprimidos

A classe dominante, a burguesia, e seus governos mostraram sua falência e incapacidade de usar os recursos disponíveis para proteger a vida da maioria oprimida. Usam os recursos públicos, antes de tudo, para salvar o grande capital, garantindo o pagamento da dívida pública.

O mísero auxílio emergencial de 600 reais foi diminuído e depois cortado, sendo que a pandemia nunca esteve perto de estar resolvida. Agora retorna com valor rebaixado e para menos pessoas, quando a pandemia está pior.

O falso argumento do presidente Bolsonaro, de que isso era o possível a ser feito, foi assumido pelo Congresso Nacional e pelos governadores, que, em palavras, se dizem de “oposição”. A verdade é que, entre proteger as massas pobres e os credores da dívida pública, Bolsonaro optou pela fome das massas e pelo pagamento dos gigantescos juros aos banqueiros.

Diante de Agravamento da Pandemia, Governantes Decretam a Educação Básica como Serviço Essencial, para Impor o Retorno Presencial

Para garantir o retorno das aulas presenciais nos estados, diversos governos têm passado a considerar a Educação Básica como atividade essencial, a exemplo dos governos do Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. Os governantes têm usado a vacinação de uma parcela dos professores para sustentar politicamente esse retorno. Essa manobra não esconde o fato de que o retorno das aulas presenciais aumenta e muito a disseminação do vírus, uma vez que estudantes, funcionários e mesmo parte dos professores continuarão completamente expostos.

A traição das direções dos movimentos

É no quadro de avanço da penúria das massas que as direções sindicais e estudantis mantêm a qualquer custo a palavra de ordem de “ficar em casa”, não realizar manifestações de rua e não convocar assembleias. De nada adianta reclamarem da insuficiência do auxílio emergencial, quando não organizam a luta, quando se submetem ao que é definido pela burguesia, seus governos e suas instituições.

Essa política de colaboração de classes das direções e das esquerdas, nas condições da pandemia e da crise econômica, é uma das maiores traições aos explorados em toda a história do país.

A tarefa colocada é de levantar a luta

Os trabalhadores estão esgotados pela prolongada pandemia, pelas demissões e pelo agigantamento do desemprego. Essa condição objetiva não pode obscurecer a tarefa de trabalhar pela recuperação das forças do movimento operário e popular. O que implica o combate implacável da vanguarda revolucionária à política de conciliação de classes da burocracia e dos reformistas. Continua vigente a defesa de um programa emergencial próprio dos explorados e a organização de uma frente única, baseada na democracia operária e nos métodos da ação direta.

Acontece que a decisão pelo retorno é motivada pela pressão dos capitalistas da rede privada, que preferem o retorno presencial para manter os altos preços das mensalidades. Assim, vemos que, também na Educação, as medidas aplicadas pela burguesia e seu Estado estão longe de atender aos interesses da juventude oprimida e dos explorados.

A única forma de mudar essa situação é saindo da passividade e da individualidade do “fique em casa”, realizando assembleias democráticas em que estudantes e trabalhadores, tanto da escola, quanto os responsáveis pelos estudantes, possam discutir e deliberar sobre o que é melhor para a comunidade escolar.

O boletim Juventude em Luta coloca que esse deve ser o primeiro passo no caminho de um movimento unitário em defesa de um programa de emergência próprio dos oprimidos, independente dos governos burgueses. Ressalta que é fundamental a organização coletiva e presencial, pois todos os movimentos realizados de forma individualizada e virtual foram derrotados. ■

“Ato Simbólico”: mais um Desvio da Luta Geral Coletiva

As entidades estudantis – UNE (União Nacional dos Estudantes), UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) e UMES (União Municipal dos Estudantes Secundaristas) – organizaram, no dia 30/03 em São Paulo, um ato com as consignas “Vida, Pão, Vacina e Educação”, o qual denominaram de “ato simbólico”. O referido “simbolismo” serviu para tirar a força social da manifestação, pois, resumiu-se à presença das direções estudantis. A juventude não foi convocada massivamente às ruas.

O ato consistiu nas direções repetindo as palavras de ordem da convocação, estendendo uma enorme bandeira com as consignas, e erguendo cadeiras escolares. A passeata começou no MASP e terminou na Praça do Ciclista. Apesar de pequena, a manifestação esteve cercada todo o tempo por um forte aparato militar repressivo.

Estivemos no ato, distribuindo nosso material e sendo os únicos a fazer uma fala. ***Defendemos firmemente a independência de classe, a revolução e ditadura proletárias, o governo operário e camponês. Denunciamos a guerra comercial imposta pelos monopólios burgueses em torno da vacina, e a capitulação das burocracias sindicais e seus partidos à política burguesa do isolamento social.***



Concluimos defendendo o fim da propriedade privada dos meios de produção. Somente por meio da luta e com independência de classe, será possível defender o pão (os empregos e salários), a vida (um plano próprio de emergência dos explorados), a vacina (contra os interesses dos lucros burgueses), e a educação pública e gratuita. ■

Dicionário Marxista: LUTA COLETIVA

Com a pandemia e a submissão de toda a esquerda reformista, centrista e estalinista à política do isolamento social burguês (o “fica em casa”), o caráter coletivo das lutas tem sido colocado de lado pelas direções dos movimentos.

Um exemplo dessa negação da luta coletiva são as atividades virtuais. Quando elas deixam de ser um instrumento auxiliar de propaganda do movimento e passam a substituir as atividades presenciais, elas retiram o seu caráter coletivo, pois cada um está atomizado, individualizado, em suas casas. Além disso, essas ações virtuais não afetam o poder econômico e, por isso, não terá força para impor suas reivindicações. O mesmo vale para ações como “panelaços” etc.

Outro exemplo foi a chamada “greve sanitária” dos trabalhadores em Educação em São Paulo. Essa ação, que era, na verdade, um boicote passivo ao retorno das aulas presenciais, foi proposta pelas direções sindicais e deixava a cargo individual de cada professor realizar o seu boicote, não havia uma ação coletiva de, por exemplo, ocupação da escola.

Também entram nesse rol os “atos simbólicos”. O “símbolo” que temos visto deles é o da morte da luta coletiva geral.

Somente as direções sindicais/estudantis participam e, assim, tornam uma manifestação de rua em uma ação sem força social, que só serve para que essas direções digam que estão fazendo alguma coisa, quando, na verdade, estão tirando a força social que existe quando se junta um grande número de manifestantes nas ruas e paralisa a economia com grandes passeatas, bloqueios de avenida etc.

A força do movimento social está no seu caráter coletivo e sua capacidade de afetar a economia, de afetar a produção social. A classe operária, em especial, quando paralisa coletivamente as fábricas, afeta diretamente a base do capitalismo, que é a produção de mercadorias e a extração de mais-valia. Quando uma passeata bloqueia uma avenida também está afetando a economia, pois está interrompendo a circulação das mercadorias, que é parte do ciclo de reprodução do capital.

Devemos buscar na história da luta de classes qual é o método correto para conquistarmos nossas reivindicações. E o que vemos historicamente é que a luta não pode ser individualizada; que os próprios estudantes já protagonizaram também grandes vitórias e todas elas, sem exceção, foram lutas coletivas.